

# DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA AMINI HADDAD CAMPOS, PELO ACADÊMICO - PRESIDENTE CARLOS GOMES DE CARVALHO

A nossa Academia Mato-Grossense de Letras, no mês em que completa 85 anos, engalana-se para dar as boas vindas ao seu mais novo membro. E, em particular, devo confessar que vibro em duplo regozijo nesta noite tão festiva. Eis que falo tanto na condição honrosa de Presidente deste sodalício como na de convidado para, em nome dos acadêmicos, saudar a mais nova confrreira, que com sua inteligência e dinamismo vem abrilhantar esta instituição.

Nestas oito décadas e meia de existência, a nossa Casa tem sido testemunha viva da vida cultural e social de nosso Estado. Para o seu seio vem convergindo todos aqueles, homens e mulheres, que se sentem fustigados pelo fogo sagrado da criação intelectual. E não me refiro apenas a beletristas, a poetas, a jornalistas mas, igualmente, a professores, a juristas, ou seja a homens e a mulheres de pensamento e de cultura. Enfim, esta não é uma Casa que acolhe somente aqueles que se dedicam à literatura. Não por outra razão o seu dístico emblemático é *pulchritudinis studium habentes*, expressão retirada do Eclesiastes que, numa tradução literal, significa os ‘estudiosos da beleza’. E foi dentro deste princípio que aqui tiveram assento as figuras mais expressivas da história cultural, política e social de Mato Grosso. Esta é, portanto uma Casa pluralista, democrática e ampliada por multifacetadas existências.

Criadas para servirem de estímulo ao estudo da literatura, para a defesa do idioma, para a valorização do saber e da ciência, as Academias de Letras, ao contrário do que tantos julgam e de que pretendiam alguns desavisados, não é objeto posto na prateleira do passado, tampouco navega na contramão da história e nem merece ser tratada com a ironia de pseudos sábios. Ela defende princípios basilares para o destino da humanidade como o são os valores soberanos da cultura e do pensamento. Tal entendimento ganha ainda maior relevo quando se testemunha que a sociedade contemporânea, e a brasileira em particular, vivem sob o signo da valorização do que é superficial e efêmero, do reinado do marketing do fútil, da banalização da vulgaridade, enfim do prestígio daquele conhecimento que se liquefaz a cada instante, em detrimento da cultura sólida que é base dos fundamentos civilizatórios. Daí a importância de permanecerem vivas e atuantes as Academias de Letras, embora sejam cada vez mais desiguais as condições para as suas existências. A faina de nossas instituições se faz sobre um campo cuja sementeira é crescentemente árida: de um lado, a concorrência absolutamente desigual dos meios de comunicação de massa, na maioria dos casos contribuindo para a alienação da população, mais do que instruindo; de outro, a fragilidade cultural de nosso precário sistema educacional. As Academias têm sim, um papel a cumprir no mundo atual. Dentro da modéstia de seus meios, na humildade de suas instalações, a Academia Mato-Grossense de Letras vem, ao longo desses anos, procurando cumprir seu desiderato. E neste sentido, com propriedade lhe cabe a expressão que Pierre Mille utilizou para justificar a existência da Academia Francesa de Letras. Escreveu: “*É a prova antiga, e sempre viva, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco.*”

É para esta Casa de Letras que a novel acadêmica se propôs a entrar, é neste convívio que irá compartilhar a sua inteligência, e é no conagraçamento desses objetivos que deverá ofertar a sua dedicação e o seu idealismo.

Senhoras, Senhores

Amini Haddad Campos é nascida em Cuiabá, em 17 de fevereiro de 1974. Aos 25 anos foi aprovada em concurso para a magistratura, tornando-se uma das mais jovens juízas do Estado de Mato Grosso. Agora, torna-se uma das mais jovens acadêmicas de nossa história. Sua dedicação ao trabalho intelectual é digna de nota. Tem realizado diversos cursos no campo de sua atuação profissional. É Mestre em Ciências Jurídicas, com concentração na área de Teoria do Estado e Direito Constitucional, pela Pontifícia Universidade Católica do RJ. Fez especializações em Direito Penal e Processo Penal e ainda Direito Civil e Processo Civil, ambas pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, e em Direito Administrativo, Tributário e Constitucional pela Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro.

Publicou o livro *O Devido Processo Proporcional* e participou, como coautora, da antologia *Transformações no Direito Constitucional*. Em 2005, seu ensaio ‘O Devido Processo Proporcional’ passou a constar na bibliografia do curso de Direito da Universidade de Yale, uma das mais prestigiosas dos Estados Unidos. Por seus artigos e ensaios, recebeu, em 2003, o Troféu Destaque outorgado pelo Instituto Giuseppe e Anita Garibaldi, com sede em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul e, no ano seguinte, a sua monografia *A lei e os direitos femininos: por uma sociedade igualitária* foi premiada no Encontro Internacional de Magistradas, realizado em Buenos Aires. É membro da Academia Mato-Grossense de Magistrados.

Não apenas de atividades intelectuais e de trabalho profissional vem se ocupando a nossa ilustre confrreira. Não pretendo estender-me aqui sobre a ação social que a magistrada Amini Campos, paralelamente a sua judicatura, desenvolveu nas Comarcas por onde passou. Contudo, devo destacar iniciativas suas que contribuíram para criar condições de minoramento dos sofrimentos dos desvalidos sociais tais como o abrigo de crianças e adolescentes vítimas de agressões domésticas, o acolhimento de mulheres vitimadas pelo abuso sexual e a distribuição de cestas básicas. Preocupada com a qualidade administrativa e o melhor atendimento do público promoveu a realização de cursos de aperfeiçoamento para os servidores do Fórum e criou uma biblioteca e uma sala de aula para presos. Tais atividades receberam o aplauso das comunidades em que jurisdicionou, manifestado nos títulos de cidadania honorária dos municípios de Arenápolis, Santo Afonso, Nova Marilândia, Indiavaí, Reserva do Cabaçal e Araputanga. Do mesmo modo, esse reconhecimento se fez pelas Moções que recebeu tanto da Câmara Municipal de Cuiabá como da Assembléia Legislativa de Mato Grosso.

O convívio que temos com a ilustre juíza assegura-nos que não desenvolveu essa benemerência pelo mero dever de ofício, mas que o fez pela generosidade que é uma das características de sua personalidade.

Como teórica do Direito a Dr<sup>a</sup>. Amini Haddad traz para práxis jurisdicional o compromisso ético mais fundamental do intelectual, ou seja, o de proceder no mundo concreto da vida real tal como se exerce no universo do pensamento. Eis o que ela escreve em seu trabalho *A Constitucionalização do Direito*, incluído, às páginas 236, no já citado “Transformações no Direito Constitucional”:

*“Não mais há sustentação à ideia de Juiz neutro, que mais equivale a um comportamento omissivo. Esse comportamento passivo, supostamente garantidor da imparcialidade, não traz respostas aptas ao desenvolvimento do processo, não correspondendo aos anseios por uma justiça efetiva, que realmente propicie acesso à tutela justa.”*

Entre as mentes mais antenadas de nosso tempo, no campo da filosofia e do direito, é já consensual o reconhecimento de que não é mais possível, sequer admissível, ao magistrado o distanciamento, seja intelectual seja pessoal, das questões que envolvem e atormentam a sociedade contemporânea. E neste sentido Amini Haddad caminha ao lado dos mais lúcidos pensadores do Direito. Poderia declinar aqui inúmeros daqueles que anteveem outros horizontes para a transcendente função de julgar. Cito um conhecido teórico e magistrado brasileiro. Galeno Lacerda, em seu livro *Comentários ao CPC*, afirma: “Acima da lógica formal de um processo abstrato e morto pairam as exigências da vida, a encher de sangue e calor o instrumento real de justiça e de afirmação da consciência do juiz.”

Na verdade, o que se põe para o magistrado diante do processo é o mesmo que se exige do pensador do Direito, em particular, e, de um modo mais generalizante, de todo intelectual. Ainda que enfrente borrascas nesse navegar, persistindo, Amini Haddad alcançará o porto seguro da consciência pessoal e jurídica libertadora. Com este sentido quero lembrar um grande pensador contemporâneo. Norberto Bobbio, o consagrado jusfilósofo, num capítulo sobre Kant e a Revolução Francesa, que se encontra em *A Era dos Direitos* escreve:

*“Nos tempos de hoje, quando a cega vontade de poder que dominou a história do mundo tem a seu serviço meios extraordinários para se impor, menos do que nunca a honra do douto pode ser separada de um renovado senso de responsabilidade, no duplo significado da palavra, para o qual ser responsável quer dizer, por um lado, levar em conta as consequências da própria ação, e, por outro, responder pelas próprias ações diante de nosso próximo.”*

É para com esta ética da responsabilidade que a nova acadêmica está, em Mato Grosso, prestando inestimável contribuição prática e teórica.

## SENHORA AMINI HADDAD CAMPOS

Vossa presença entre nós nesta noite é consecutória de uma afirmação intelectual que se projeta no horizonte e que, sem dúvida, muito promete. Aqui ocupareis uma Cadeira, a de número 39, cujo patrono é o poeta Antonio Tolentino de Almeida, e que foi também Promotor de Justiça. Esta é uma Cadeira cujos ocupantes têm vida longa. Somente dois acadêmicos lhe antecedem. O primeiro ocupante foi o professor Antonio Cesário de Figueiredo Neto, respeitado, não apenas em sua terra natal como no Brasil, como filólogo e grande professor de português de várias gerações de mato-grossenses. A última ocupante, a que diretamente substituiu, é uma das figuras mais cintilantes que tivemos entre nós. Inteligência viva e direta, rica em expressões típicas, com uma escrita escurrita e elegante, cheia de verve e leveza ela nos deixou textos que são o retrato de uma época em que, ao lado do bucolismo em que o apelido de “Cidade Verde” tinha pleno sentido, Cuiabá era uma urbe em que a atividade cultural, e em particular, o estudo do idioma e da música tinha grande preeminência. Maria Benedita Deschamps Rodrigues viveu parte dessa época, vivenciando o clima de uma Cuiabá romântica, quase idílica, já distante no tempo. E ela foi, sem dúvida, uma de suas melhores interpretes. Não só pelas suas saborosas crônicas, seus causos, seus contos e as suas pesquisas sobre o folclore e as partituras musicais, mas igualmente pelas interpretações que realizou como professora de piano de várias gerações. É adequado, pois que uma pessoa com a sensibilidade de Vossa Excelência ocupe a Cadeira 39.

Mas aqui estarás em boa companhia, senhora Amini, mesmo se a considerarmos apenas como estudiosa do Direito. Dos 172 acadêmicos que já pertenceram e que pertencem a esta Academia de Letras certamente advogados, juizes, desembargadores, promotores de Justiça, enfim, gente afeita à operacionalidade jurídica, é, de longe, o de número mais expressivo. Vale dizer que alguns dos maiores nomes do mundo jurídico deste Estado aqui tiveram assento, a começar por esse poeta, romancista e jurista do mais alto relevo que foi José de Mesquita, proficiente modelo para todos nós. Por quarenta anos foi presidente desta Casa, por cerca de dez anos presidente do Tribunal de Justiça. Aqui também se fizeram presentes homens com a competência jurídica e o descortino intelectual de Gervásio Leite, de António de Arruda, de Ernesto Pereira Borges, de Francisco Bianco Filho, de Domingos Sávio Brandão de Lima, para só ficarmos em nomes do passado que alcançaram o mais alto posto do Poder Judiciário de nosso Estado. Mas, mesmo diante da premência do tempo, não posso deixar de me referir ao momento presente já que é nele que Vossa Excelência viverá o nosso cotidiano. Poderia citar tantos ilustres confrades que hoje conosco convivem e que têm a sua ação principal no campo do Direito. Todos, porém são conhecidos da novel acadêmica. Isto me permite não nominá-los um a um, até para não tornar ainda mais longo este escorço. Todavia, ao pronunciar um único nome, não tenho a mínima dúvida de que nele estarei concentrando a referência a cada um dos confrades que deixarei, por exclusiva economia de tempo, de aqui me referir. Tenho a mais absoluta certeza de que esse confrade representa com galhardia e méritos todos e cada um de nós. É motivo de justo orgulho tê-lo entre nós. Poeta e jurista, numa simbiose das mais invejáveis, trata-se de uma figura exemplar de intelectual e de homem digno. Isto, em minha opinião, faz dele, entre todos, o nome contemporâneo de maior relevo da cultura jurídica e literária em Mato Grosso. Por isso, ao dizer o nome de João Antonio Neto estou homenageando todos os confrades e confreres.

Senhora Amini, sois a oitava escritora a ingressar nesta Casa. Se, lamentavelmente, não temos tido maior número de mulheres ocupando a curul acadêmica, não obstante esta Academia de Letras tem o mérito de ter reconhecido de modo pioneiro o valor indiscutível das mulheres. Vejam que, enquanto a Academia Brasileira de Letras só admitiu o ingresso do sexo feminino no ano de 1976, com a eleição da notável Rachel de Queiroz, a nossa instituição já albergava no longínquo ano de 1921 a poeta, cronista e professora Ana Luiza da Silva Prado, e assim foi talvez das primeiras agremiações de letras a fazê-lo no Brasil. Alguns anos depois, era a vez de uma das maiores e mais emblemáticas figuras de nossa vida literária e pública: a poeta e cronista Maria de Arruda Müller. Em seu tempo, elas participaram de inúmeras atividades culturais, educacionais e sociais, fundaram uma revista – *A Violeta* – que foi uma das primeiras publicações no Brasil editada exclusivamente por mulheres. Foram, sem dúvida, mulheres notáveis. Tanta vitalidade e dinamismo é exemplo modelar e inspirador. Precisamos nesta Casa da presença de mulheres em maior número. Oxalá, Senhora Amini Haddad possas, com o seu reconhecido dinamismo, dedicação e competência servir de estímulo para que outras mulheres venham, com as suas presenças, contribuir para enriquecer com as suas inteligências e embelezar com as suas sensibilidades este sodalício.

Senhoras, Senhores

O que leva uma pessoa a buscar a glória acadêmica que, no dizer de Machado de Assis, “eleva e consola”, e que Euclides da Cunha, ao entrar para a Academia Brasileira, afirmou não haver “nenhum posto mais elevado neste país”? Sabemos que valores, os mais altos, se colocam na meta a ser alcançada pelo intelectual íntegro e imbuído de compromissos éticos. Sabe ele que não deve estar norteadado pela busca da glória vã ou a da pseudo aristocracia do saber. A imortalidade a ser conquistada não é proporcionada pelos bens materiais mais, ao contrário, pelas advindas do enriquecimento do intelecto e do espírito. E neste caso, tornar-se acadêmico não deverá jamais ser entendido como o descanso por haver alcançado o ápice, ao contrário deve ser sim um acicate, um estímulo para produzir mais e melhor. Neste sentido é que me vem à memória a epístola do grande pensador e pregador que foi o apóstolo Paulo: *Sic transit gloria mundi*. A glória do mundo é transitória. E, sabemos, não é ela que nos dá a dimensão da vida futura. Só as conquistas do espírito nos eternizam, nos tornam imortais. Ainda uma vez mais, lembro uma das mais belas peças já elaboradas sobre o dever do escritor, a missão do intelectual. Willian Faulkner, um dos maiores romancistas do século XX, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em dezembro de 1950, expressou a sua fé no Homem. Disse ele:

*“Acredito que o homem não irá simplesmente resistir: irá triunfar. Ele é imortal, não por ser a única das criaturas com uma voz inexaurível, mas porque tem alma, um espírito capaz de compaixão, sacrifício e resistência. O dever do poeta, do escritor, é escrever sobre essas coisas. É um privilégio seu ajudar o homem a resistir, elevando o seu coração, lembrando-o da coragem e da honra e da esperança e do orgulho e da compaixão e da piedade e do sacrifício que fizeram a glória de seu passado. A voz do poeta não precisa ser apenas um registro do homem, pode ser também um dos alicerces, um dos pilares para ajudá-lo a resistir e a triunfar.”*

É com este ânimo e com esta esperança que acolhemos hoje nesta Casa de Barão de Melgaço, de Dom Aquino, de José de Mesquita e de tantos nomes que ornaram a história de nossa terra, a ilustre intelectual mato-grossense Amini Haddad Campos.

Sede, pois, bem vinda.